

Metastásio e o Brasil

Sérgio Buarque de Holanda

ROMA, setembro (Pela Panair do Brasil). Quando se pretenda estudar a significação e a amplitude da influência italiana sobre as letras brasileiras do Setecentos, é necessário fixar a atenção primeiramente sobre o prestígio universal adquirido então pela personalidade e a obra de Pedro Metastásio. Um apologista desta obra — Stefano Arteaga — escrevendo em 1785, pôde dizer, e suas palavras devem ser tomadas ao pé da letra, que o nome do poeta romano era glorificado "de Cadiz à Ucrânia e de Copenhague ao Brasil".

Ao menos no que diz respeito ao Brasil, a repercussão que encontraram as poesias e os melodramas metastasianos é documentada em numerosos textos da época. Em relação publicada, se bem me lembro, no volume IV da Revista do Instituto Histórico de São Paulo refere-se que até mesmo na longínqua Cuiabá de 1790, quase só acessível através das Monções e do caminho de tropas que passava por Goiás, representou-se mais de um daqueles melodramas. A famosa cançoneta "Gravie alle inganni tuoi...", que Alexandre de Gusmão traduziu, foi parodiada por Cláudio Manuel da Costa e serviu de modelo a numerosos árcades da "escola mineira". E Bougainville, passando pela Bahia em meados do século pôde assistir à representação de uma ópera de Metastásio, representada por negros ou mulatos e regida, a música, por um padre coxo.

Contudo o depoimento mais curioso que se conhece acerca da difusão da obra do poeta cesáreo no Brasil é a carta que lhe dirigiu Basílio da Gama em 1770, ou pouco antes (a carta não é datada), encaminhando-lhe uma das suas obras. O épico do Uruguai, segundo pude apurar até agora, foi o único brasileiro diretamente filiado à Arcádia romana. Não consegui determinar a data precisa em que entrou em contato com os "pastores" do bosque Parrásio, acessível ainda hoje para quem suba o Janicúlo na direção da Vila Doria Pamphili. Tudo faz crer, no entanto, que seu ingresso não terá sido anterior a 1763, data em que chegou à Itália e nem, certamente, posterior a 1766, ano em que Michele Giuseppe Morei deixa suas funções de "custode generale" da instituição.

Que José Basílio da Gama foi admitido durante o período da "custódia" de Morei pude verificar graças a um catálogo manuscrito que se encontra na atual Biblioteca da Arcádia, em Roma (Arquivo 4. Catálogo IV. Custodie Morei, Brogl, Pizzi, Goddard), onde figura a relação completa dos nomes de sócios aceitos na academia entre 1743 e 1824. O do poeta brasileiro aparece à página 111 do catálogo, entre os dos que entraram antes de 1766, com a seguinte indicação: "De Gama — Abe. Giuseppe Basilio — Americano". Acompanha essas palavras o prenome arcádico Termino, alusivo, talvez, ao fato de ser o novo sócio originário de país tropical. O cognome Sipílio, que não figura no códice, mas que, segundo se sabe, o autor passou a adotar, é formado das letras do nome italianizado com que se inscreveu na Arcádia.

E' muito provável que sem a experiência dessa academia essencialmente democrática, onde príncipes e cardeais se acotovelavam com "abades" de obscura ascendência não se tivesse animado o bisonho mineiro a procurar, em sua residência de Viena, o poeta oficial da corte de Sua Majestade Cesárea. Democrática era, aliás, toda a estética dos árcades — ao menos em confronto com a dos seiscentistas — estética penetrada, mesmo involuntariamente, do cartesianismo, de uma doutrina que afirmando a universalidade da "razão natural" e a força persuasiva das idéias claras, tendia, no fundo, a minar todas as hierarquias baseadas unicamente na força dos costumes ancestrais. E nada mais contrário aos ideais enfim suplantados do culteranismo do que a firme confiança expressa em mais de uma ocasião pelo mesmo Metastásio no valor do julgamento das maiorias.

Aulico por vocação e até por profissão — e não será este um caso bem típico das íntimas contradições de seu século? — ele insiste, entretanto, no seu Extrato da Arte Poética, em sustentar como, em assunto de arte, o voto popular tem mais peso e autoridade do que a opinião de uns poucos privilegiados. E acrescenta que, sendo o povo o "menos corrupto dos juizes" só lê e ouve pa-

ra poder deleitar-se e só lhe agradam verdadeiramente aqueles que saibam comovê-lo. Ele não se engana, ou antes, não se engana nele a natureza, quando sente a eficácia dos "impulsos que a comoveram", diz ainda, mais ou menos como os adeptos da democracia política iriam exclaimar, alguns decênios depois, que "o povo não erra".

O mesmo apelo à aprovação das maiorias, a mesma confiança no valor perene de seu aplauso animará o brasileiro a exclaimar —

Serás lido Uruguai...

— no fecho de seu poema épico, na esperança de que o gênio da "inculta América" fôsse ouvido através de sua voz. Aliás, ao tempo em que Basílio da Gama publicava esse poema, já a inculta América, ao menos a América portuguesa, não seria tão inculta que se mostrasse impermeável ao suave influxo dos acentos arcádicos e metastasianos. E o mais significativo é que eles não pareciam ter contagiado apenas letrados e poetas. E' provavelmente por essa mesma época que os temas, as fórmulas, toda a tópica, em suma, do setecentismo italiano principiam a invadir nosso lirismo popular, impregnando a "modinha", que cantores brasileiros como o mestiço Caldas Barbosa, fariam aplaudir em Lisboa e deixando nele marcas que parecem perdurar ainda em nossos dias.

Da popularidade que então desfrutava no Brasil o Metastásio, a carta que lhe dirigiu Basílio da Gama é o mais eloquente testemunho. O exagêro na pintura dos sentimentos e na criação de ambientes decorativos que lhes pudessem servir de moldura condigna pertence, nela, àquelas fórmulas do arcadismo que, mesmo na época, passariam apenas por convenções formais e não seriam tomadas ao pé da letra ou sem o competente grão de sal. Mas as reservas que hoje, com muito maior razão, podemos opor a efusões semelhantes, não tiram sempre o valor documental de testemunhos como o dessa carta que, mal conhecida no Brasil, segundo creio, passarei a transcrever. Tendo sido respondida pelo "poeta cesáreo" em abril de 1770 é possível que o poema nela mencionado seja o Uruguai, impresso no ano anterior.

Em tradução onde procurei acompanhar tão servilmente quanto possível o original, é o seguinte seu texto: "Ao Senhor Abade Pedro Metastásio. Viena. A homenagem da inculta América é bem digna do grande Metastásio. Este nome é ouvido com admiração no fundo das florestas. Os suspiros de Alceste e de Cleonice são familiares a um povo que não sabe da existência de Viena. Belo o espetáculo das nossas índias, chabrando com vosso livro nas mãos e fazendo uma questão de honra de não ir ao teatro sempre que

a peça representada não seja de Metastásio! Se venho de tão longe apresentar-vos um poema cujo tema é todo americano, não sou nisso mais do que o intérprete dos sentimentos de minha terra, e cabe-me bem essa honra, depois de ter sido, por mais de uma vez, intérprete dos vossos. Não aspiro a mais do que assegurar-vos que sou, etc. — Basílio de Gama Brasileiro".

A resposta não foge ao tom encomiástico, dificilmente sincero na maioria dos casos, que se tornara hábito entre os autores do tempo e que, nove anos mais tarde, impediria Alexandre Verrj de pensar em provocar para seus próprios escritos os sufrágios do cantor da Dido Abandonada. A seu irmão confessava Alexandre, em carta, que teria tido sumo contentamento em que o Metastásio recebesse um exemplar de sua obra "já que é o bisavô de nós todos". Mas, acrescenta, "percebi que em casos tais ele costuma responder com infinitos louvores, e nesse tom se dirigiu a vários árcades que lhe expediram suas efêmeras produções".

Apesar disso, os louvores que lhe sugeriu a homenagem da "inculta América", tingida de cores tão amenas e lisongeiros para sua imaginação, é possível que lhe trouxessem um fundo de sincera surpresa, a mesma que provocara o tributo em alguns dos seus panegiristas contemporâneos como Arteaga. Seja como fôr, a carta que passo a reproduzir, pode figurar entre as peças características da mentalidade arcádica: "A minha crassa ignorância do idioma de seu poema não bastou, gentilíssimo senhor De Gama, para esconder-me todo o seu valor. Já o descobri ali, por mim mesmo, o bastante para ficar convencido de que até nas praias do Rio de Janeiro, Apolo tem seu Delos, seu Cinto e seu Helicon, e para apressar-me a procurar, como o faço agora, um hábil expositor que me faça a vista mais clara e o prazer mais perfeito. Ainda bem para mim que a idade não secunde a violenta tentação de mudar de himisfério a fim de gozar diretamente a invejável parcialidade das espirituosas ninfas americanas, pois lá encontraria em meu benévolo intérprete um rival demasiado perigoso. Cuide ele, ao menos, de conservar-me o adquirido, pelo que já lhe sou devedor, e ponha em atividade o reconhecimento solícito de quem será invariavelmente, etc. — Viena, 7 de abril de 1770."

A correspondência sugere-nos que, intérprete, por mais de uma vez, dos sentimentos do poeta cesáreo, Basílio devesse figurar entre os tradutores dos numerosos melodramas do italiano que se representaram no Brasil setecentista, talvez mesmo do Demétrio, a julgar por aquela referência aos suspiros de Alceste e Cleonice. Mas ainda quando suas índias arcádicas fôsem tão teimosamente "parciais", para recorrer a um termo bem metastasiano, que não comparecessem aos teatros sempre que estes deixassem de representar melodramas de seu autor favorito, não é certo que entre os poetas italianos do século XVIII fôsse este o único a receber no Brasil todos os sufrágios populares.

Para remessa de livros: Via San Marino, 12. int. 2 (Roma).

Obs: A data correta é 06.9.53